

Fratelli Tutti: Algumas pistas para a missão inculturada

Fratelli Tutti: Algunas pistas para la misión inculturada

Fratelli Tutti: Some Insights for Inculturated Mission

Pe. Willians Roque de Brito¹



Resumo: Este trabalho propõe as luzes da *Fratelli Tutti* para colaborar numa evangelização inculturada, conforme o Papa Francisco. Sem diálogo, intercâmbio de dons, proximidade e escuta dos pobres, não é possível realizar uma verdadeira inculturação no mundo atual. A proximidade permite acolher elementos positivos das culturas locais e contribui para melhor discernir caminhos e propor um estilo de vida inspirado no evangelho. Assim, a *Fratelli Tutti* contribui na primeira atitude da missão, que consiste em promover proximidade e amizade com os povos, com empatia e abertura, recebendo deles suas riquezas e novidades.

Palavras-chave: Inculturação, Fraternidade, Papa Francisco, Pobres, Diálogo

Resumen: Este trabajo propone las luces de *Fratelli Tutti* para colaborar en una evangelización inculturada, según el Papa Francisco. Sin diálogo, intercambio de dones, cercanía y escucha de los pobres, no es posible realizar una verdadera inculturación en el mundo actual. La cercanía permite acoger los elementos positivos de las culturas locales y contribuye a discernir mejor los caminos y proponer un estilo de vida inspirado en el Evangelio. Así, *Fratelli Tutti* contribuye a la primera actitud de la misión, que consiste en promover la cercanía y la amistad con los pueblos, con empatía y apertura, recibiendo de ellos sus riquezas y novedades.

Palabras clave: Inculturación, Fraternidad, Papa Francisco, Pobres, Diálogo

Abstract: This work proposes the light of *Fratelli Tutti* as a contribution to an inculturated evangelization, according to Pope Francis. Without dialogue, an exchange of gifts, closeness, and listening to the poor it is not possible to achieve true inculturation in today's world. Closeness allows us to welcome the positive elements of local cultures and helps us better discern paths and propose a lifestyle inspired by the Gospel. Thus, *Fratelli Tutti* contributes to the first attitude of mission, which consists in fostering closeness and friendship of peoples, with empathy and openness, receiving from them their richness and newness.

Keywords: Inculturation, Fraternity, Pope Francis, Poor, Dialogue

¹ Padre Willians Roque de Brito é presbítero diocesano incardinado à Diocese de Marília-SP. Possui graduação em Filosofia e Teologia pela Faculdade João Paulo II (FAJOPA). Tem experiência na área de Teologia e pastoral nos organismos de animação missionária. Especialização em Missiologia pela FAJOPA. Pároco da Paróquia Sagrado Coração de Jesus e reitor do Seminário Propedêutico Diocesano São Pio X, em Marília-SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6250228361563889>. Email: williansrb17@hotmail.com.



1. Introdução

Entre os anos de 2013 e 2025, o mundo conheceu o primeiro pontífice latino-americano da Igreja: o Papa Francisco. Desde o seu primeiro pronunciamento, ainda na sacada chamada de *Loggia Benedizione*, acrescentou vários gestos que convidaram a Igreja Católica a estabelecer um diálogo humilde com o mundo contemporâneo. Desde então, o Papa fomentou nos fiéis a disposição de que a Igreja se colocasse em constante saída para as periferias geográficas, bem como as sociais e as existenciais. Manifestou, assim, clara intenção de desafiar a Igreja para o cultivo de uma pastoral em chave missionária e uma postura samaritana² diante dos desafios do mundo.

Por sinal, a parábola do *Bom Samaritano* sempre acompanhou seus discursos, escritos, pronunciamentos e gestos. Por meio dela, chamava todos a não serem indiferentes às dores da sociedade, abandonando a autorreferencialidade. O centro do anúncio eclesial é a pessoa de Jesus Cristo e a alteridade, o lugar teológico de encontro com o Ressuscitado. O Papa recordou que uma Igreja trancada na sacristia já não condizia com as necessidades atuais. “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, 49). E dentro dessa mensagem de saída, abertura, diálogo e amizade, enriqueceu-nos com a publicação da carta encíclica *Fratelli Tutti – Todos irmãos*, que será a base inspiradora de nossa argumentação.

2. Missão: do colonialismo à interculturalidade

Para tomar consciência da mudança paradigmática que propõe o Vaticano II e o Papa Francisco na missão *Ad Gentes*, é preciso entender os princípios norteadores antes e depois do último Concílio. Por meio dessa informação, torna-se mais fácil perceber as luzes da *Fratelli Tutti* para a missão eclesial. Segundo Raschietti (2011), a partir do século IX, sob a influência de Carlos Magno, a evangelização passou a acontecer dentro dos parâmetros militares. Séculos depois, no início das grandes navegações e das expedições missionárias, objetivando a expansão territorial dos reinos de Portugal e Espanha; a missão passou a ser delegada principalmente pelos jesuítas e franciscanos como forma de colonização cultural. Nesse contexto, ela era entendida como atividade. Segundo Raschietti, visou-se a imposição da fé e a dominação dos povos pela sociedade europeia. Assim, a missão se difunde como imposição da religião e, batizar pessoas, tornou-se sinônimo de salvação das almas. Os que aceitavam as verdades culturais e aderissem à fé eram considerados “civilizados”. Segundo Bosch, “o rei fazia missão à medida que colonizava” as nações (Bosch, 2014, p. 367). Esse modelo, no entanto, tornou-se duramente questionado na primeira metade do século XX, com o fim do colonialismo no Terceiro Mundo e das guerras mundiais.

² A expressão de Igreja Samaritana quer apontar para a Parábola do Bom Samaritano, encontrada no Evangelho segundo Lucas 10,25-37. Ela sempre foi muito cara durante o pontificado de Francisco, que a utilizou em grande parte dos seus documentos.



Para Raschiatti (2011), esses questionamentos provocaram um movimento cujas reflexões desembocaram no Vaticano II. Instigada pelo Papa João XXIII, a Igreja passou a interpretar as mudanças como “sinais dos tempos”, buscando atualizar a autocompreensão da Igreja e o diálogo com o mundo. No entanto, o caminho consensual para o novo paradigma missionário se tornou lento e desafiador. Talvez a grande contribuição do *Decreto Ad Gentes* tenha sido recordar que a missão não é uma mera atividade, mas a essência da Igreja, que existe para evangelizar. Assim, entende-se que ela não detém a missão, mas é a missão que a detém, pois, brota do amor fontal do Pai e do envio do Filho e do Espírito Santo (AG, 2-5).

“Ao mesmo tempo em que o Concílio toma consciência do fim do modelo colonial, fundado na expansão da cristandade ocidental, compromete-se em repensar a missão sob novos fundamentos” (Raschiatti, 2011, p. 32). Por isso, a missão deixa de se reduzir à domesticação de pessoas para tornar-se um testemunho profético do amor infinito de Deus, presente em todos os povos. Consequentemente, a Igreja abandona a ideia de levar a cultura europeia como parte do Evangelho e assume o compromisso da inculturação e da empatia com os evangelizados.

Aliás, a redescoberta do intercâmbio entre a Igreja Local e a Igreja Universal permitiu a missão nas diferentes culturas, interagindo melhor com elas. “Uma legítima atenção para com as Igrejas particulares não pode senão vir a enriquecer a Igreja. [...] ela corresponde às aspirações mais profundas dos povos e das comunidades humanas, a descobrirem cada vez mais a sua fisionomia própria” (EN, 63). Para Paulo VI (1976), a Igreja pode e deve se enriquecer com as particularidades de cada povo. Assim, a missão não é suplantação de culturas. Ela compreende e semeia em cada contexto a mensagem do evangelho. Enfim, inculturar-se é a atitude de se inserir na legítima luta em favor da libertação dos povos.

A *Evangelii Gaudium* desafia a Igreja a evangelizar com o Espírito, isto é, “não só com palavras, mas, sobretudo, com uma vida transfigurada pela presença de Deus” (EG, 259). Para Francisco, é preciso sentir prazer em ser povo de Deus. Cada pessoa é uma verdadeira missão e é para isso que veio ao mundo (EG, 273). Ele não apenas propõe uma adaptação às culturas, mas o acolhimento de verdades consonantes com o evangelho. Há pessoas fora da Igreja para as quais Deus verdadeiramente se revela, ainda que o descubram “tateando, de maneira imprecisa e incerta” (EG, 71). A ação divina precede a atuação da Igreja. Trata-se de fazer desabrochar nas culturas o que de verdadeiro já existe nelas à luz da fé, o que São Justino chamava de *Semina Verbi*³.

Assim, a missão se torna intercâmbio entre cultura e evangelho, pois “toda a cultura e todo o grupo social necessitam de purificação e amadurecimento” (EG, 69). Há feridas em todas as culturas que o evangelho pode ajudar a curar, tais como machismo, alcoolismo, violência doméstica, falta de devoção eucarística, superstições e fatalismos. Aqui, a Igreja se coloca como servidora em um difícil diálogo (EG, 74). A missão é, assim, um chamado à mudança, pois a fé cristã não existe senão traduzida, em cada tempo e lugar, para a sua própria cultura (Bosch, 2014, p. 535).

3 Trata-se do pensamento segundo o qual cada cultura tem sementes da verdade oriundas da sabedoria eterna de Deus. Sendo assim, a evangelização é, simultaneamente, potencialização da verdade íntima inscrita nos corações humanos e desenvolvimento do conhecimento a ponto de se encontrarem com Cristo.



Por fim, na 1ª Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe (CELAM), o conceito de inculturação dialoga com o de interculturalidade. Esse novo termo expressa a forma como duas culturas se encontram, se mesclam e provocam o surgimento de uma terceira. A Igreja propõe a riqueza do evangelho e é desafiada a um verdadeiro acolhimento do outro. Na América Latina, a Virgem de Guadalupe se apresenta como modelo dessa interculturalidade, pois a fé cristã foi acolhida pelos indígenas, não a partir dos conceitos dos colonizadores, mas da experiência cultural dos autóctones. O desafio posto à Igreja é o de tornar-se capaz de olhar para a história, a riqueza e as feridas dos povos, fazendo-os crescer e cuidando do seu desenvolvimento integral, especialmente dos mais vulneráveis (CELAM, 2022, p. 78). Essa postura coloca a Igreja mais atuante nas periferias, de onde se escuta o clamor dos pobres.

Na contramão do processo de inculturação, encontra-se a globalização capitalista, que provoca a indiferença, a cultura do descartável e a padronização de costumes. Portanto, o globalismo é uma forma atual de colonialismo. O mundo perde a riqueza de suas particularidades e se vê suplantado por um modelo cultural econômico único, sob a lógica do capital. A Igreja é chamada a ser sinal de presença fraterna, solidária e sempre pronta a acolher, escutar e discernir os desafios do mundo. A cultura e as feridas de cada povo interpelam os discípulos de Cristo a um novo tipo de missão, que semeie a esperança, os sonhos e as lutas comunitárias, pois “o todo é superior à parte” (EG, 237).

3. Colegialidade, Sinodalidade e Fraternidade

Santo Agostinho, em seu discurso contra os pelagianos, foi quem usou pela primeira vez a expressão “o sagrado concílio ensinou, o caso está encerrado”. No início das grandes navegações, no final do século XV, ao escrever quatro bulas aos reis católicos, o Papa Alexandre VI enfrentou questionamentos e respondeu: “*Roma Locuta, causa finita*”⁴. Essa resposta aos críticos propõe que ele não deveria escutar para decidir. Desde então, esse ditado é reutilizado sempre que alguém se fecha ao diálogo. Além disso, o mundo mudou radicalmente, passando a questionar a Igreja e sua autoridade a partir do século XVIII e os questionamentos se acentuaram nos séculos XIX e XX.

Diante das críticas, a *Lumen Gentium* propõe uma mudança significativa na postura eclesial. “Tal como, por disposição do Senhor, São Pedro e os demais apóstolos formam um só colégio apostólico, de maneira semelhante o Romano Pontífice, sucessor de Pedro, e os bispos, sucessores dos apóstolos, estão unidos entre si” (LG, 22). O espírito colegial permitiu a possibilidade de escuta recíproca entre os bispos e o sucessor de Pedro, especialmente por meio dos sínodos. A ação colegial revela que os bispos são corresponsáveis com o papa no pastoreio da Igreja universal. Essa realidade se evidencia na mútua colaboração e comunhão dos episcopos entre si.

A *Lumen Gentium* afirma que “cada bispo é o princípio e o fundamento visível da unidade na sua Igreja particular, formada à imagem da Igreja universal: mas nas quais e a partir das

4 “Roma falou, caso encerrado” (Tradução nossa).

quais, resulta a Igreja Católica una e única” (LG, 23). A experiência colegial recriou a senda para a redescoberta da sinodalidade⁵. Segundo o Papa Francisco (2015), “numa Igreja sinodal, o Sínodo dos Bispos é apenas a manifestação mais evidente dum dinamismo de comunhão que inspira todas as decisões eclesiais” (Francisco, 2015, s/p). Ele convida os batizados a assumirem a sua corresponsabilidade na missão eclesial. Pela sinodalidade, garante-se a participação de todos os membros da Igreja nos seus processos de discernimento. Essa nova postura colabora na difícil superação do clericalismo⁶.

Segundo Brito (2022):

A sinodalidade amplia para os leigos o papel da colegialidade entre os bispos, segundo sua própria vocação. Dessa mesma maneira, a fraternidade amplia para todos os homens de boa vontade a sinodalidade existente na Igreja. Pois, apesar de aberta a todos, a fraternidade só é possível mediante o empenho solidário de todos os homens (Brito, 2022, n. p.).

Portanto, a teologia da sinodalidade pode inspirar os princípios que se aplicam à fraternidade humana, que também deve ser responsabilidade compartilhada por todas as pessoas. O CELAM ensina que a Igreja peregrina junto à família humana, pois “é uma diakonia profética na construção de um ethos social fraterno, solidário e inclusivo” (CELAM, 205). Isso ocorre porque a espiritualidade missionária é construída mais eficazmente sobre as bases da proximidade amorosa e dialogal. E é exatamente nesse fundamento que se encontra a solidez da fraternidade e da amizade Social propostas pelo Papa Francisco na *Fratelli Tutti*.

4. Iluminações da Fratelli Tutti para a missão

Dado que a ideia de fraternidade, proposta pelo Papa Francisco na *Fratelli Tutti*, se articula perfeitamente com a de colegialidade e de sinodalidade, parece-nos evidente tirar dessa encíclica alguns elementos importantes para a conversão missionária da Igreja. Assim, encontra-se estímulo para o acolhimento da cultura local como remédio à imposição da globalização econômico-cultural, o diálogo como troca de experiências e mútuo enriquecimento das sociedades, a opção preferencial pelos pobres, a saída para as periferias existenciais e geográficas, a abertura de coração etc. Todos esses elementos, juntos, fortalecem a opção por uma atuação missionária inculturada, servidora, dinâmica e em conversão pastoral.

5 O termo sinodalidade é um substantivo criado a partir do grego σύνοδος (Transl.: Sínodos), que significa caminhar junto. Esse substantivo supõe uma atitude de escuta de Deus e dos irmãos, de diálogo e abertura.

6 Segundo o CELAM (2022, p. 61), o clericalismo é uma forma de interpretar o ministério sacerdotal mais como exercício de um poder do que um serviço a ser prestado. Isso também pode acometer os leigos, que reproduzem o comportamento, subordinando às outras pessoas, sentindo-se donos da comunidade eclesial.





5. O convite a uma evangelização que impacte a vida inteira das pessoas

Segundo o Papa Paulo VI (1976), a evangelização não deve reduzir-se à pregação do evangelho em espaços geográficos amplos e ao alcance das massas. Para ele, a missão é testemunho de vida que transforma “os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação” (EN, 19). Portanto, a evangelização deve entrar em contato com as dinâmicas mais profundas das pessoas e das respectivas sociedades. A missão não se inicia na pregação explícita, embora a requeira, mas no testemunho de vida (EN, 21).

Além disso, (1976) recordava que a evangelização interpela a vida toda. Portanto, não deve se restringir aos aspectos espirituais, desencarnando-se da realidade. Na verdade, o evangelizador se insere na dinâmica da “vida em comum na sociedade; sobre a vida internacional, a paz, a justiça e o desenvolvimento; uma mensagem sobremaneira vigorosa nos nossos dias, ainda, sobre a libertação” (EN, 29). E assim o Papa recebeu as propostas do decreto *Ad Gentes*, do Concílio Vaticano II. Entendendo a evangelização a partir desse axioma, a *Fratelli Tutti* torna-se uma importante ferramenta para atualizar o concílio e interagir com os diversos aspectos da sociedade hodierna.

Francisco (2020) iniciou a *Fratelli Tutti* recordando as inspirações de São Francisco de Assis, que traduzia na vida as seguintes palavras de Jesus: “vós sois todos irmãos” (Mt 23,8). E inspirado no *povorello*⁷, o Papa queria despertar na sociedade o desejo de uma fraternidade aberta, “que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente de sua proximidade física, do ponto da terra em que cada um nasceu ou habita” (FT, 1). É urgente reconhecer a riqueza de cada cultura, povo, família, a exemplo de São Francisco, que “semeou a paz por toda parte e andou junto aos pobres, abandonados, doentes, descartados, enfim, dos últimos” (FT, 2). O contato com os últimos permite que os evangelizadores tenham maior consciência da realidade, preparando-lhes para uma evangelização melhor inculturada.

6. Uma análise da sociedade atual segundo a *Fratelli Tutti*

Já no primeiro capítulo da *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco analisa a realidade atual, apresentando *as sombras de um mundo fechado*. Segundo ele, o primeiro sinal de fechamento se mostra na quebra de sonhos e ideais comunitários. Assim, a economia global encontra um campo propício para explorar o mundo segundo os seus interesses e impor um modelo cultural único. Essa situação reproduz o colonialismo que, muitas vezes, é assumido pelos métodos de evangelização atuais. O globalismo impõe sua identidade sobre os que são socialmente mais frágeis. Aos poucos, esse movimento gera uma falsa sensação de progresso, mas dissolve a consciência histórica dos indivíduos, levando-os a reproduzir males outrora vencidos.

⁷ *Povorello* é uma palavra italiana que traduzimos livremente por pobrezinho. Trata-se de um apelido carinhoso dado pelos conterrâneos de São Francisco ao próprio santo, pois ele vivia uma pobreza voluntária, dando seus bens aos pobres e trabalhando manualmente como eles.



Segundo Francisco (2020), essa dinâmica quebra os projetos comunitários e, com eles, a defesa de valores que deveriam ser irrenunciáveis. Não raramente os que se empenham pela justiça são ridicularizados por aqueles que difundem ideologias perversas disfarçadas de racionalidade. As injustiças esfacelam os direitos humanos, que ainda não são suficientemente universais. Em decorrência disso, surge o descrédito nas instituições que antes asseguravam a busca dos interesses comuns, especialmente a política e a democracia. O Papa ainda enumera várias problemáticas que corroem o mundo: os migrantes sem tratamento digno nas fronteiras, a “ilusão comunicação”, o crescimento da agressividade despudorada, informação sem sabedoria, as diversas sujeições e autodepreciações, a destruição da casa comum.

Surgem focos de tensão que conduzem pessoas a outros lugares mais seguros para viver. Esse movimento gera um crescente processo migratório no mundo. Segundo relatórios da ACNUR, no final de 2025 estima-se que 117,3 milhões de pessoas deixaram a sua pátria; sendo que 36,4 milhões são refugiados de guerras⁸. Segundo Francisco, este fenômeno migratório formulará um novo rosto para o mundo (FT, 40). Essas pessoas perdem as suas raízes, gerando uma fratura na comunidade de origem. Quando se instalam em outras pátrias, elas são constantemente tratadas como objetos do temor, aumentando e difundindo a xenofobia.

Estas “sombras”, segundo Francisco, desafiam fortemente a Igreja a uma resposta concreta e efetiva. Apesar delas, não se pode perder a esperança no futuro, pois “Deus continua a espalhar as sementes do bem na humanidade” (FT, 54). Há muita gente que se une para fazer o bem, porque compreende que ninguém se salva sozinho. A esperança ousa acreditar numa realidade onde é convidada a se retirar. A exemplo do caminho sinodal da Igreja, a fraternidade desafia os homens de boa vontade a caminharem juntos, em busca de um ideal comum e da descoberta das riquezas culturais de cada povo, testemunhando um novo estilo de vida.

7. A fraternidade conduz ao reconhecimento da riqueza que existe no outro

Segundo Francisco (2020), o remédio para o globalismo é a vida fraterna e a amizade social. Sem a proximidade amorosa que cuida das feridas, não é possível reconstruir laços humanos outrora destruídos. A vida fraterna é um estilo de vida que tem, em si mesma, o que Francisco chama de “sabor do evangelho” (FT, 8). Aperfeiçoando-se nesta forma de amor, a pessoa se torna mais solidária, buscando a justiça e a paz como formas de renovação da realidade. Vejamos, abaixo, a análise dos seguintes verbetes:

⁸ Dados extraídos do site da ACNUR, Agência das Nações Unidas para Refugiados, sobre estatísticas migratórias no mundo. Segue o link de acesso: <https://www.unhcr.org/refugee-statistics>.



TABELA DOS PRINCIPAIS TERMOS USADOS NA FRATELLI TUTTI ⁹		
Palavras	Repetições	Termos correlatos
Fraternidade	48 vezes	Fraterno(a) (15 vezes)
Humano(a)	146 vezes	Humanidade (36)
Paz	119 vezes	Guerra (40), Violência (39)
Direito	91 vezes	Justiça (44)
Amor	85 vezes	Caridade (33), Ódio (18)
Social	84 vezes	
Política	74 vezes	Bem comum (32)
Universal	47 vezes	
Diálogo	45 vezes	
Pobres	41 vezes	Últimos (18), Migrante (9)
Solidariedade	22 vezes	
Construir	22 vezes	
Abertura	21 vezes	Aberta (11), Fechado (13)
Total	845 vezes	308 vezes

Olhando para essa tabela, podemos concluir que Francisco nos aponta para a fraternidade como caminho de superação das injustiças, dos conflitos, da violência e do fechamento do mundo atual, porque ela é uma forma de amor universal que promove a dignidade de todas as pessoas, reconhece seus valores e contribui com o seu desenvolvimento humano integral. Em números, ela nos apresenta estes poucos verbetes, que se repetem 1.153 vezes, enquanto a *Fratelli Tutti* em seu total, possui 37.257 palavras. Portanto, os poucos termos acima correspondem a pouco mais de 3% de toda a mensagem de Francisco.

É inerente à pessoa humana abrir-se a criar laços que a façam transcender na vida comunitária. Assim, a ação da Igreja não pode se limitar à convivência em um grupo fechado. As comunidades devem ser igualmente abertas à transcendência. A fraternidade promove encontros, solidariedade e amor verdadeiro. Não se trata de alguns gestos esporádicos, mas do exercício da presença amiga que evangeliza, transforma e integra. A verdadeira solidariedade é possibilidade para fazer uma história comum. Francisco (2020) recorda que um dos elementos mais importantes na constituição do amor fraterno é o diálogo sincero e generoso:

Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isso se

⁹ Quadro elaborado para uma apresentação realizada em Buenos Aires, na Assembleia Internacional da Fraternidade Sacerdotal Jesus+Caritas. Na primeira coluna, estão expostos os textos segundo a tradução para a língua portuguesa; na segunda, a quantidade de repetições; na terceira, os termos correlatos e, entre parênteses, a quantidade de repetições dos respectivos termos.

resume no verbo “dialogar”. Para nos encontrarmos e ajudarmos mutuamente, precisamos dialogar. Não é necessário dizer para que serve o diálogo; é suficiente pensar como seria o mundo sem o diálogo paciente de tantas pessoas generosas, que mantiveram unidas famílias e comunidades. O diálogo perseverante e corajoso não faz notícia como as desavenças e os conflitos; contudo, de forma discreta, mas além do que podemos notar, ajuda o mundo a viver melhor (FT, 198).



O diálogo abre as pessoas para constituir uma cultura nova, que cresce e se dinamiza com suas riquezas. O reconhecimento dos valores existentes em cada pequeno grupo, especialmente os excluídos, é uma ferramenta discreta e potente para a renovação social. Isso nem sempre é fácil, pois dialogar é um desafio. Para realizá-lo é preciso paciência, perseverança, coragem. A sua ausência é fruto do egoísmo, pois quem não dialoga deseja impor seu modo excludente de pensar. Segundo Francisco, “os heróis do futuro serão aqueles que saberão romper essa mentalidade doentia, decidindo sustentar palavras cheias de verdade, para além das conveniências pessoais” (FT, 202). O diálogo é a busca pela verdade presente nos povos, e ele nos liberta (Jo 8,32).

A busca pela fraternidade e a amizade social são formas de procurar ouvir a voz do Espírito que impele os corações dos discípulos missionários a resistir aos apelos de se impor. Assim, a missão é vivenciada como profecia, testemunho, sinodalidade e comunhão. Esses conceitos eram muito caros ao Papa Francisco. Consequentemente, uma boa interpretação da vivência fraterna é ocasião para descobrir os valores locais, especialmente os dos excluídos. Não se trata de relativizá-los, mas de reconhecer tudo quanto é verdadeiro e presente em cada cultura, para experimentar um verdadeiro estilo de vida inspirada no evangelho.

8. Por uma evangelização que se inicie na presença fraterna

Para a *Fratelli Tutti*, o meio mais eficaz de responder ao globalismo econômico, que aniquila as pessoas com base no lucro, é a valorização das culturas locais. “O problema é que um caminho de fraternidade, local e universal, só pode ser percorrido por espíritos livres e dispostos a encontros reais” (FT, 50). Sem pessoas reais que resistam com liberdade frente à massificação das culturas, é impossível transformar a realidade. Vivendo alguns valores aparentemente simples, as comunidades locais podem transformar o mundo. E abrindo-se ao universal elas deixam de se tornar um gueto fechado para criar sinais de esperança.

O Papa Francisco (2020) recuperou o testemunho de vida de Charles de Foucauld, santo francês recentemente canonizado, como modelo de proximidade evangélica. Charles entendia que não era possível pregar abertamente o evangelho entre os mulçumanos. Por isso, ele entendeu que a missão nasce primeiro da presença bondosa, que é capaz de abrir os corações. Ele chamava esta atitude de “Apostolado da Bondade”, segundo a qual a sua vida deveria ser sinal da Bondade de Deus. Não se tratava de instrumentalização da benevolência, mas visava nutrir sincera amizade com os nativos do deserto onde ele se instalara, a ponto de ser reconhecido como irmão de todos. Francisco afirmava:

“O seu ideal duma entrega total a Deus encaminhou-o para uma identificação com os últimos, os mais abandonados no interior do deserto africano. Naquele contexto, afluíam os seus desejos de sentir todo o ser humano como um irmão, e pedia a um amigo: “Peça a Deus que eu seja realmente o irmão de todos”. Enfim queria ser “o irmão universal”. Mas somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos” (FT, 286).

A partir desse testemunho, o Papa Francisco ensina que a verdadeira inculturação se inicia na proximidade com os últimos. A missão deve considerar instrumentos simples e pobres como os pobres para ser inculturada. Assim, “torna-se necessário um diálogo paciente e confiante, para que as pessoas, as famílias e as comunidades possam transmitir os valores da própria cultura e acolher o bem proveniente das experiências alheias” (FT, 134). A *Fratelli Tutti* nos revela que a evangelização é um verdadeiro intercâmbio de dons e um ato de amor. Doutro lado, o fechamento, o sentimento de superioridade e as certezas fechadas não contribuem para o crescimento das culturas e das pessoas nelas inseridas.

Segundo a 1ª Assembleia Eclesial da América, “as periferias não são apenas espaços privilegiados para a missão, mas também horizontes hermenêuticos para entender a realidade (CELAM, p. 172). A *Fratelli Tutti* nos alerta que entre os sem voz, encontra-se a casa comum, pela qual se aprende que “tudo está interligado”. E “se tudo está interligado, é difícil pensar que este desastre mundial não tenha a ver com a nossa maneira de encarar a realidade, pretendendo ser senhores absolutos da própria vida e de tudo o que existe” (FT, 34). Ao proteger a terra, a Igreja também protege os pobres que dela depende bem como toda a humanidade.

O Papa Francisco fundamenta teologicamente esta proximidade pela parábola do *Bom Samaritano* (Lc 10,25-37; FT, 56-86). Ao citá-la, ele afirma que a fraternidade não é excludente nem exclusiva, pois o próximo pode ser os de perto e os de longe (FT, 1). Ou seja, a relação de proximidade não é definida por religião, raça ou geografia, sangue ou amizade. A fraternidade não cria fronteiras nem se limita a elas. Ela deve gerar aproximação por parte de quem tem condições para ajudar aqueles que caem. Para Francisco:

A palavra “próximo” na sociedade do tempo de Jesus costumava indicar a pessoa que está mais vizinha, mais próxima. Pensava-se que a ajuda devia encaminhar-se em primeiro lugar para aqueles que pertencem ao próprio grupo, à própria raça. Para alguns judeus de então, um samaritano era considerado um ser desprezível, impuro, e, por conseguinte, não estava incluído entre o próximo a quem se deveria ajudar. O judeu Jesus transforma completamente esta impostação: não nos convida a interrogar-nos quem é vizinho a nós, mas a tornar-nos nós mesmos vizinhos, próximos (FT, 80).

Aprendemos que a proximidade está estreitamente relacionada à misericórdia (Lc 10,37). Ela supera fronteiras para se abrir à solidariedade. Francisco ensina que proximidade e fraternidade são praticamente sinônimas. O próprio Jesus, sendo Deus, aproximou-se da humanidade decaída, tornando-se solidário e irmão de todos. Ofe-



recendo a redenção e a reconciliação à humanidade, recebeu também dela um corpo humano (Fl 2,5-11). A encarnação de Jesus é a chave teológica da fraternidade porque nela ocorre um intercâmbio de dons: Jesus se dá e recebe. Essa atitude de Jesus fundamenta a genuína teologia da missão inculturada. A fraternidade é, assim, um forte apelo à fé para quem ainda não conhece Jesus.

9. Considerações finais

Após o Concílio Vaticano II, a Igreja reassumiu a postura de intercâmbio de dons como método de evangelização daqueles que ainda não conhecem suficientemente o evangelho ou o ignoram totalmente. Francisco, na *Fratelli Tutti*, levanta princípios importantes que colaboram eficazmente na sua inculturação. O principal é o constante diálogo, que com respeito, reconhece os valores e as riquezas da alteridade, superando o colonialismo ou globalismo cultural. Entende-se, de alguma forma, que o Espírito precede a ação do missionário. Ainda que haja muitas sombras sendo recuperadas do passado, que impedem o sonho comunitário, é preciso ousar o testemunho que discretamente muda a realidade.

Tornar-se presença viva num mundo em maçante globalização não é tão simples, os que detêm o poder têm vantagem sobre os mais frágeis. O mundo precisa daqueles que têm um estilo de vida fraterno e amistoso, próximo e misericordioso. É aos poucos que se pode mudar a realidade a partir do testemunho de vida, da valorização de cada expressão viva do povo e da piedade popular.

Trata-se do exemplo de uma vida verdadeiramente comunitária. Por isso, criar comunidades de membros que escutam, melhor as habilita a tornarem-se sementes da esperança. O escritor Paulo Freire afirmava que “o sonho do oprimido é tornar-se um opressor”. Por isso, é preciso cuidar para não formar guetos ou seitas, pois correr-se-ia o risco de formar grupos fechados. Não é simples resistir a essas tentações do cotidiano.

A promoção da cultura do encontro e da presença amiga necessitam de pessoas que estejam sempre abertas a reconsiderar os próprios critérios. Cabe à Igreja do terceiro milênio aprender a caminhar em comunhão, permitindo a participação de todos para não correr o risco de reproduzir um processo de colonização doutrinária, segundo o qual o outro é um objeto a ser evangelizado ou uma tábula rasa. Isso não condiz mais com a realidade. Caminhar junto é fazer-se família, reconhecer em cada pessoa a dignidade de um irmão e não um mero receptáculo. A fraternidade poderá, assim, inspirar uma evangelização viva, presente entre os últimos e cheia de esperança audaciosa, com a força revolucionária da ternura, da misericórdia e do amor. Resistindo, portanto, ao descartável e ao ódio semeados na sociedade polarizada e fragmentada.

10. Referências

BOSCH, David J. **Missão transformadora: Mudanças de paradigma na Teologia da Missão**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2014.



CELAM. **Para uma Igreja sinodal em saída para as periferias: Reflexões e propostas pastorais a partir da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe.** Brasília: Edições CNBB, 2022.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium.** São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti.** São Paulo: Paulinas, 2020.

LOPES, Geraldo. **Lumen Gentium: texto e comentário.** São Paulo: Paulinas, 2011.

PAULO VI, Papa. **Evangelii Nuntiandi.** São Paulo: Paulinas, 1976.

RASCHIETTI, Estêvão. **Ad Gentes: texto e comentários.** São Paulo: Paulinas, 2011.



11. Sites

BRITO, Willians Roque de. **Iluminações da Fratelli Tutti para a missão.** Iesus Caritas, 2022. Disponível em: <https://www.iesuscaritas.org/wp-content/uploads/2022/10/A-MISSAO-NA-FRATELLI-TUTTI-Willians-Roque-de-BRITO-pt.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2026

FRANCISCO, Papa. **Comemoração do cinquentenário da instituição do sínodo dos bispos: Discurso do santo padre Francisco.** A Santa Sé, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 27 abr. 2026

Recebido: 07 de abril de 2026

Aprovado: 02 de maio de 2026